

Teia Negra

Julio Rocha

*Dedico este livro à memória de meu pai,
Bento Pedro da Rocha,
que certamente o colocaria
entre os seus favoritos.*

AGRADECIMENTOS

Foi muito fácil escrever este livro, pois desde as primeiras linhas contei com o apoio incondicional de minha esposa, Margaret Rocha. Ela forneceu a energia necessária para levar este projeto até o fim. Além de principal revisora, deu muitas idéias que ajudaram no desenvolvimento da trama. Margaret, muito obrigado por estar ao meu lado e nos proporcionar uma família tão linda.

Agradeço às minhas grandes amigas e revisoras: Priscila Garcia, Jane Barbosa e Juraciara Sabbas. Sem vocês, o livro não estaria completo. Muito obrigado.

PARTE UM
A CONSPIRAÇÃO

PRÓLOGO

Assim que entraram no apartamento, Robert foi direto ao escritório pegar alguns papéis e deixou seu convidado aguardando na sala. Ao abrir a gaveta do pequeno arquivo de madeira, sentiu um calafrio e virou-se repentinamente. Uma pistola com silenciador estava apontada para sua cabeça. O cano longo, a poucos centímetros de sua testa, exalava o cheiro dos restos de pólvora das vezes anteriores em que a arma fora usada. Sem que qualquer palavra fosse dita, o gatilho foi puxado. A bala entrou um pouco acima dos olhos, fazendo Robert cair, quase que instantaneamente.

CAPÍTULO 1

Em novembro de 1949, Bei Wong, então com vinte e dois anos, passava por entre as grades de ferro do imenso portão que dava acesso ao porto de Tianjin. Uma patrulha do exército comunista de Mao Tsé-tung estava a apenas cinquenta metros dali e ele conseguira escapar. Caminhou abaixado por entre as caixas de madeira e os sacos de arroz empilhados ao lado do navio, que aguardava ser carregado para uma longa viagem até a América.

Ao chegar próximo à rampa que dava acesso ao convés, ele deitou atrás de um dos caixotes e ficou aguardando. Estava exausto. A viagem de Beijing até o porto durara cinco dias inteiros, sempre com a ameaça de ser descoberto.

O marinheiro, com uma enorme barba branca, apareceu no alto da rampa e fez sinal para que ele subisse. Ao passar correndo pelo capitão do navio, Wong largou o pequeno saco de pano com o pagamento pela viagem clandestina. Sua vida estava agora nas mãos daquele homem. Se fosse traído, seu destino seria o fuzilamento imediato, sem direito a julgamento.

As horas passadas no porão do navio, aguardando a partida, foram certamente as mais difíceis de sua vida. Os rangidos emitidos pela estrutura da embarcação davam a sensação de que o cargueiro poderia se desmantelar a qualquer momento. As vozes vindas do convés a uns cinco metros de altura de onde ele estava, faziam Wong imaginar os guardas entrando correndo e gritando para que se rendesse e os acompanhassem até as autoridades.

Sua resistência à fundação da República Popular da China tinha chegado ao limite, ele precisava sair do país. Sabia que todos aqueles que lutaram ao lado de Chang Kai-Chek, líder dos nacionalistas, eram perseguidos e mortos. Esta batalha estava perdida. Agora, precisava lutar por sua sobrevivência.

Quando ouviu o barulho dos motores do navio e sentiu que o gigante de ferro começava a se mover lentamente, suspirou aliviado e deitou para tentar dormir um pouco, o que não fazia há três dias. A viagem seria longa e ele teria que aproveitar para descansar. Quando chegasse na América, precisaria de todas as suas forças para começar uma nova vida.

O cheiro vindo de suas roupas o incomodava. Estava há vários dias sem tomar um banho, mas não queria arriscar sair do seu abrigo até que estivesse em alto mar, longe de seus perseguidores. Sem conseguir fechar os olhos,

mesmo estando em uma quase completa escuridão, ele imaginava os lugares onde o navio passava. Primeiro desceram o rio Hai e, então, atingiram o Golfo de Bohai no Mar da China. Depois a viagem seguiu pelas águas, nem sempre calmas, do oceano Pacífico e, por último, do oceano Atlântico. O sono finalmente venceu e ele dormiu por quase doze horas seguidas.

Após trinta dias viajando, Wong avistou a Estátua da Liberdade. O navio chegara em Nova Iorque. Assim que desembarcou, foi abordado por guardas e levado para o pessoal da imigração. Wong caminhava com passos curtos. Apesar de não ser muito alto, certamente estava acima da média dos chineses. Não falava uma palavra sequer em inglês e foi preciso aguardar a chegada de um intérprete para que ele pudesse explicar sua situação e conseguir seu visto como exilado político.

Foi aconselhado a procurar a comunidade chinesa, que o acolheu. Em Chinatown conseguiu seu primeiro emprego, como ajudante em um restaurante. Wong estava deslumbrado com a cidade e começou a vislumbrar todas as possibilidades de se tornar bem sucedido na América.

Em uma manhã fria, enquanto caminhava da casa onde alugara um pequeno quarto nos fundos até o restaurante em que trabalhava, Wong foi surpreendido por um intenso tiroteio. O barulho dos tiros vinha de uma rua a uns cem metros de onde ele estava. Por um momento pensou em correr e se esconder, mas sua curiosidade o levou até a esquina, onde avistou um carro preto todo perfurado por balas. Uma das portas traseiras abriu e um homem caiu na calçada. Uma poça de sangue começou a se formar junto ao corpo inerte.

As poucas pessoas que estavam nas proximidades fugiram. A rua ficou deserta. Wong se aproximou do corpo e o ergueu, colocando seu braço por trás do pescoço e arrastando o homem, quase sem vida, até a frente do restaurante naquela mesma rua.

Era um chinês aparentando ter uns cinquenta anos e suas roupas indicavam que devia ser alguém importante. O perfume adocicado da loção pós-barba fez com que Wong espirrasse por duas vezes. Ele gritou por socorro e um dos empregados apareceu. Eles colocaram o desconhecido em um carro e o levaram para o hospital.

Duas semanas depois, Liu Ping estava recuperado e procurava por Wong. A conversa entre os dois foi rápida. Liu Ping agradeceu por ele ter salvo sua vida

e disse que seria recompensado por isso. Deixou um cartão e se colocou à disposição para qualquer coisa que Wong viesse a precisar.

No dia seguinte, quando entrou no restaurante, o dono estava aguardando com um envelope nas mãos. O restaurante agora era propriedade de Bei Wong, um presente de Liu Ping.

Mais tarde, ele descobriu que Liu era o chefe de uma máfia chinesa, a mais poderosa atuando na América. Procurou não se envolver, mas nunca deixou de aceitar os agrados de Liu, que acabaram transformando o imigrante chinês em um dos homens mais ricos de Nova Iorque. Liu nunca pediu nada em troca, ele dizia sempre que jamais conseguiria pagar totalmente sua dívida.

Em fevereiro de 1952, Wong casou-se com Lisa, uma típica Americana que costumava frequentar seu restaurante quase que diariamente. Nesta época, ele já era dono de quatro restaurantes e seus negócios começavam a se diversificar. Estava até negociando a compra de uma pequena fábrica de bebidas. Neste mesmo ano Liu Ping faleceu, vítima de um ataque cardíaco, e Wong perdeu seu amigo e protetor.

Lisa engravidou cerca de um ano e meio depois do casamento e seu filho nasceu em 10 de março de 1954. Mais alguns anos e nascia uma linda menina, completando a família Wong. Eles eram felizes e se mantiveram felizes por cinquenta anos, até que alguém matou o filho mais velho, Robert Wong.

CAPÍTULO 2

Michael Farrell entrou para a CIA no final dos anos setenta, depois de passar por um rigoroso treinamento junto aos fuzileiros navais. Todos os anos, olheiros da CIA e do FBI acompanham os recrutas nas forças armadas americanas. Eles tentam identificar aqueles que reúnem as qualidades necessárias para o trabalho de investigação, espionagem e combate. Michael era o candidato perfeito, pois reunia todas as características de um agente de campo: porte atlético, boa aparência e reflexos rápidos. Ele era capaz de processar informações e tomar decisões em frações de segundos. Não demorou para chamar a atenção de um desses olheiros e, poucos meses depois, se apresentava na Agência de Inteligência Norte-Americana.

Até aquele momento, ele participara apenas de duas missões internacionais, uma na Alemanha e outra na Colômbia. Em nenhuma delas teve a oportunidade de entrar em ação, apenas acompanhou o trabalho dos mais experientes. Porém, desta vez, seria diferente, ele iria para a guerra.

Seu companheiro, Howard Sanders, estava na CIA há mais tempo que Michael e já participara de duas missões na Bósnia, o que lhe garantia o status de veterano, embora na verdade estivesse longe disso. Howard, com trinta e quatro anos, era apenas quatro anos mais velho que Michael.

O papel dos dois era o de manter o grupo abastecido com informações de inteligência e muitas delas tinham que ser conseguidas no campo de batalha. Por isso, eles estavam uniformizados e armados da mesma forma que os demais.

Durante a explanação de um general que esteve no Líbano junto com a Marinha Americana, Michael recordou as informações que pesquisou quando soube sobre sua viagem. A guerra já durava mais de vinte anos quando Amin Gemayel chegou ao poder em 1982. Os Estados Unidos não pouparam esforços para garantir que o cristão Maronita assumisse o país, assolado pelos conflitos entre os diversos grupos religiosos.

Os inimigos de Amin estavam revoltados com as tropas norte-americanas na região e, em outubro de 1983, duzentos e quarenta e um fuzileiros da Marinha

foram mortos em um único atentado. A repercussão do episódio entre os cidadãos americanos e pressões internacionais fizeram com que os Estados Unidos retirassem seus homens do Líbano em fevereiro de 1984. Logo em seguida, Israel também batia em retirada.

O governo americano sabia que a ausência de suas tropas enfraqueceria os cristãos e traria ainda mais instabilidade para a região. O sírio Hafez Assad começou a perseguir os auxiliares do presidente Amin Gemayel e iniciou uma onda de atentados contra bairros cristãos.

Em uma manhã quente de julho de 1984 nos Estados Unidos, o pequeno grupo de homens embarcava rumo ao Líbano com a missão de proteger Amin de seus inimigos. Era formado por seis oficiais das forças especiais americanas e dois agentes da CIA: Michael e Howard.

O avião da força aérea aterrisou em Israel e eles foram levados diretamente para um helicóptero de combate que os deixaria em território Libanês. O voo, feito durante a noite e em baixa altitude, levou menos de uma hora para chegar nos arredores de Beirute, onde eles desceram e fizeram o restante do trajeto a pé.

Chegaram ao lado leste da cidade controlado pelos cristãos antes do amanhecer e entraram na pequena casa, quase em ruínas, onde seria o QG da operação. As instalações eram precárias, mas davam o mínimo de conforto necessário, com colchões e travesseiros para todos. A água tinha que ser economizada, pois era um bem valioso em tempos de guerra e eles não sabiam quando o reservatório poderia ser abastecido novamente.

Michael estava ali, em uma casa sombria, sem luz elétrica, em um país arrasado por uma guerra civil que não era sua, mas ele não se importava. Estava excitado demais com a missão, a primeira missão real que iria participar. Howard já não estava tão animado assim e, por diversas vezes, disse para Michael que preferia algum trabalho burocrático em Washington.

Antes de embarcarem em Israel, Howard recebeu um comunicado da CIA com informações sobre as atividades de um grupo terrorista ligado a Hafez Assad. Segundo os dados coletados, um atentado estaria planejado para aquela tarde, depois que Amin saísse de uma reunião com alguns líderes religiosos em uma tentativa de negociar a paz.

Os mosqueteiros, como Michael apelidou o grupo, já estavam em posição ao redor do local da reunião pouco antes da chegada do presidente Libanês. A área foi isolada pelos homens de Amin. Cliff, um oficial do grupo perito em explosivos, rastejava por entre os carros, evitando ser visto pelos poucos que passavam no local. Ele procurava por algum veículo que pudesse ser usado como carro-bomba.

Michael e Howard estavam em um pequeno sobrado abandonado usando binóculos para tentar localizar algum suspeito. Por alguns instantes Michael deixou a vigilância de lado e ficou observando Howard. Ele era um sujeito baixinho, musculoso e praticamente careca. Seus olhos eram duas grandes bolas salientes que transmitiam a sensação de que ele estava sempre assustado com alguma coisa. Quase não falava, passava a maior parte do tempo lendo relatórios da CIA ou algum livro de faroeste, daqueles que contam sempre a mesma história, mas de formas diferentes. Seu único defeito parecia ser exagerar um pouco na bebida.

Um homem passou correndo por trás das pilastras de um prédio do outro lado da rua e Michael pegou rapidamente os binóculos.

– Você viu aquele cara correndo? – perguntou Michael, enquanto tentava localizar o suspeito sem sucesso.

Como Howard não respondeu, ele olhou para o lado, mas não o viu. O barulho da madeira rangendo indicava que alguém caminhava para o andar de baixo. Foi até as escadas e chegou a tempo de ver um homem com o rosto coberto por um pano preto agarrando Howard pelo pescoço e com uma faca encostada em suas costas. Ele o levava para os fundos do prédio.

Antes de tomarem posição no sobrado, Michael fizera um completo mapeamento do local, identificando as possíveis rotas de fuga e examinando todos os cantos em busca de alguma coisa que pudesse colocar a segurança deles em risco. Ele sabia que existia uma porta nos fundos que dava acesso a uma pequena vila. Precisava agir. Não podia contar com a ajuda dos outros, pois até que chegassem seria tarde demais. Michael correu para o final do corredor do segundo andar e saiu pela pequena janela, caindo no telhado de zinco no exato momento em que o seqüestrador saía com Howard em direção a um Jipe, que estava parado no meio da rua com outro elemento ao volante e o motor ligado. O barulho da queda fez com que o seqüestrador virasse para

ver o que estava acontecendo, mas não havia mais tempo para qualquer reação. Michael já disparava sua pistola, acertando pouco abaixo da orelha do terrorista. Era a primeira vez que atirava em uma pessoa. Howard se jogou no chão e rolou para trás de um carro que estava estacionado a poucos metros do Jipe com o outro terrorista. Este, ao ver que seu cúmplice estava morto, jogou uma granada e saiu em disparada.

Apesar de ter saltado o mais rápido que pôde, Michael foi atingido por alguns estilhaços. Seu ouvido parecia ter estourado e seu ombro sangrava bastante. Estava quase desmaiando quando Howard o levantou e o levou para dentro da casa, chamando os demais pelo rádio.

– Companheiro, você deu muita sorte – disse Clark, o oficial responsável pelos cuidados médicos do grupo, enquanto rasgava a camisa de Michael próximo ao ferimento.

– Sorte deu o Howard, que não teve nenhum arranhão – disse ele, já recuperado do susto.

Michael observou o oficial retirar um pequeno alicate de uma bolsa em sua cintura. Um pedaço da granada estava encravado no ombro esquerdo e, tirando alguns outros pequenos arranhões, nada de mais grave acontecera. Ele gritou quando a peça de metal foi arrancada, deixando um corte profundo de quase cinco centímetros de comprimento.

– Vai ficar como novo – disse Clark, usando o conteúdo do pequeno estojo de primeiros socorros para esterilizar e suturar o ferimento.

Enquanto Michael era atendido, os demais revistaram o corpo do terrorista morto. Em um dos bolsos do casaco verde-oliva, empoeirado e fedorento, encontraram uma mira telescópica. Depois que os Mosqueteiros se reuniram novamente para analisar os acontecimentos, chegaram à conclusão de que os dois planejavam usar o sobrado para matar Amin com um rifle de precisão. Era o local perfeito para isso. Quando chegaram, perceberam que alguém já ocupava o local e decidiram levar o plano adiante de qualquer forma. Como Michael estava em uma janela em um canto escondido, não foi visto pelo terrorista que surpreendeu Howard.

Após este evento, os dois se tornaram grandes amigos e Howard prometeu que um dia pagaria sua dívida com Michael. O ombro nunca mais foi o mesmo. Algumas vezes doía bastante, mas na maior parte do tempo ele só lembrava

do ferimento quando tirava a camisa e via a cicatriz. Eles ficaram mais cinco meses e meio no Líbano e conseguiram frustrar pelo menos outros dois atentados. Depois foram substituídos, embora Howard e um dos oficiais tenham ficado por mais um mês para fazer a transição das equipes. Os Mosqueteiros permaneceram no Líbano, trocando seus homens a cada seis meses, até 1988, quando Amin finalmente deixou o poder.

Ao chegar nos Estados Unidos, Michael decidiu fazer uma tatuagem no ombro ferido. A figura, símbolo da justiça, ganhou vida ao ter sua espada realçada em alto relevo. A cicatriz tornou-se a lâmina da justiça e inspirou Michael a se tornar um dos mais experientes agentes em atividade nos anos 90.

CAPÍTULO 3

Ao completar cinco anos de idade, Robert entrou em uma das escolas mais tradicionais de Nova Iorque. Desde cedo, demonstrou seu espírito de liderança e uma grande capacidade para resolver conflitos. Seu pai sempre dizia orgulhoso para os amigos: “Robert é um negociador nato”.

Ele cresceu vendo o pai fazer negócios e ficando mais rico a cada dia. Começou a ponderar se seria tão bom quanto Bei Wong nos negócios e, com isso, estudava sempre mais do que a média dos outros alunos. Esta competição particular criada por ele, sem que o pai jamais soubesse de sua existência, chegou ao ponto de Robert tomar a decisão de nunca trabalhar nas empresas da família. Ele queria seguir seu próprio caminho e provar para si mesmo que era capaz de vencer sozinho. O autoritário Wong nunca entendeu a recusa do filho em conhecer mais a fundo seus negócios, mas respeitou a decisão.

A adolescência foi uma das fases mais felizes da vida de Robert e muito desta felicidade foi compartilhada com Michael Farrell. Os dois se conheceram na escola primária e a amizade durou mais de quarenta anos.

A mãe de Michael faleceu quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Seu pai não se casou novamente e criou o menino sozinho. O jeito rude e calado do Sr. Farrell não permitia uma verdadeira aproximação com o filho. Com isso, Robert passou a ser seu único amigo.

No dia em que o pai de Michael perdeu o emprego e decidiu que não poderia mais arcar com os custos de uma escola particular, a notícia caiu como uma bomba para Robert. Eles entravam e saíam da escola juntos, estudavam para as provas juntos, paqueravam as garotas juntos.

Robert decidiu falar com o Sr. Wong, que naquela época já era milionário e prosperava nos negócios. Ele contou sobre a sua amizade e a tristeza de Michael em deixar a escola que estudara durante tantos anos. Não foi difícil conseguir que o chinês aceitasse pagar a escola para Michael. O mais complicado seria convencer o orgulhoso Sr. Farrell a concordar com isso.

Eles bolaram um plano. Conversaram com o diretor da escola e explicaram a situação. O diretor concordou em contar uma pequena mentira por uma boa causa, conforme Robert havia colocado a questão.

O pai de Michael foi chamado à escola e recebeu com satisfação a notícia de que seu filho ganhara uma bolsa integral para seus estudos, fruto de seu incrível desempenho naquele ano. Não que o desempenho de Michael deixasse a desejar, mas para *incrível* faltava muito.

Daí em diante, os dois passaram a viver praticamente como irmãos. Até mesmo o Sr. Wong tratava Michael como se fosse seu filho. Passaram boa parte da juventude juntos, até que Michael alistou-se na Marinha Americana e, quando terminou a fase de treinamentos, foi recrutado para trabalhar na CIA. Robert matriculou-se na Universidade de Harvard e acabou por especializar-se em comércio exterior. Depois de formado, foi pressionado pelo Sr. Wong para assumir uma fábrica de componentes eletrônicos da família, porém preferiu aceitar o convite de um amigo de faculdade para trabalhar na Greenwood Oil, uma das grandes empresas de petróleo dos Estados Unidos. A família de seu amigo era acionista majoritária da Greenwood e seria fácil encontrar uma vaga de gerência para Robert. Ele e Michael passaram a se encontrar com menos frequência, mas falavam por telefone pelo menos uma vez por mês.

Robert se tornou um solteirão convicto, não queria que nada atrapalhasse sua carreira. Precisava dedicar cada minuto de sua vida ao trabalho. Oportunidades para se envolver seriamente com alguém não faltavam, afinal ele herdara os traços da mãe americana, suavizados pelos genes orientais do pai, o que tornava sua aparência bastante atraente para as mulheres.

Uma das suas principais virtudes era o senso de justiça, que combinado com sua ética e honestidade formavam um sólido caráter, fazendo de Robert um líder nato. Com muito trabalho e mostrando resultados acima da média dos demais gerentes, em poucos anos, ele acabou escalado para assumir uma das diretorias da empresa. Seu brilhante desempenho e a paixão que nutria pela Greenwood, o tornaram um dos principais executivos dos Estados Unidos. Chegou a ser entrevistado por duas vezes pela revista Forbes para matérias de destaque sobre negócios na área do petróleo, pois era considerado uma das autoridades no assunto. Ele vencera. Provara ao pai e ao mundo que poderia estar entre os melhores, sem precisar ser empurrado ladeira acima.

Quando surgiu a oportunidade de assumir a presidência de uma das principais subsidiárias da Greenwood fora dos Estados Unidos, Robert não hesitou, partiu para o Brasil na semana seguinte.

Os amigos mais próximos diziam que ele dava seu sangue pela empresa. Até certo ponto, ele sabia que estavam certos, mas jamais havia passado pela sua cabeça que, um dia, teria que perder a vida pela Greenwood.

CAPÍTULO 4

O sinal sonoro indicando a necessidade de colocar os cintos fez com que Michael acordasse assustado. Quase nunca ele dormia nos vôos, mesmo os de longa distância, porém as últimas vinte e quatro horas haviam sido muito difíceis e cansativas. Na noite anterior, ele assistia ao noticiário da CNN em seu apartamento em Nova Iorque, quando ouviu a notícia que iria mudar seus planos de passar alguns dias em uma praia deserta na Indonésia. Robert Wong, um alto executivo da Greenwood Oil, seu amigo de infância, estava morto. Ele fora assassinado, poucas horas antes, no apartamento em que morava na cidade do Rio de Janeiro.

Em 2003, Robert assumiu as operações da Greenwood no Brasil, poucas semanas depois do governo ter publicado uma lei que tirava da Petrobrás, uma gigante estatal, o monopólio sobre a exploração de petróleo e gás natural no território brasileiro. Desde então, a Greenwood ganhou terreno na América Latina e começou a incomodar muita gente.

A morte, segundo o repórter que fazia a cobertura do crime, teria sido resultado de um assalto, seguido da tentativa de reação por parte da vítima e de dois tiros, um na cabeça e outro no pescoço, disparados pelo frio assaltante. O assassino fugiu sem deixar pistas e, aparentemente, sem levar nada. Conforme as declarações de um dos oficiais da polícia brasileira, o bandido não teve tempo de roubar e saiu pelos fundos do prédio. As câmeras de segurança estavam ligadas, mas não seria possível identificar o assassino, já que, por questões de economia, as imagens não eram gravadas. A polícia prometeu investigar, embora não tivesse muito com o que trabalhar. Robert vivia sozinho e ninguém no prédio parecia ter visto algum estranho entrar ou sair naquela noite de sua residência.

Após a reportagem, ficou a nítida impressão de que aquele era apenas mais um dos muitos crimes que ocorriam na cidade, resultado do crescimento populacional excessivo e da falta de empregos nas áreas urbanas. A única diferença era que envolvia um cidadão dos Estados Unidos, presidente de uma importante empresa americana.

Assim que a reportagem terminou, o telefone tocou. Antes de atender, Michael já imaginava quem estaria do outro lado da linha.

– Michael, precisamos conversar pessoalmente. Você pode vir aqui?

– Claro, Sr. Wong. Chego em meia hora.

A voz de Wong estava tranquila e transmitia a serenidade que Michael aprendeu a admirar. Mesmo em um momento como aquele, Wong conseguia manter suas emoções sob controle. Mas Michael sabia que, por dentro, ele era consumido por uma imensa tristeza. Conhecendo o velho chinês, estava certo de que o Sr. Wong lutaria por justiça.

Michael ainda tentava absorver o impacto da notícia. Sua mente parecia trabalhar vagarosamente, mostrando imagens da infância e da juventude de Robert sempre ao lado dele. Só quando seu vizinho entrou no elevador e o cumprimentou, ele percebeu que já estava na garagem do prédio. Caminhou lentamente até seu BMW e ficou alguns instantes parado, olhando para o vidro do carro, ainda vendo o filme de suas aventuras ao lado de seu melhor amigo.

Vinte minutos depois, Michael passava pelo portão de ferro da mansão Wong, onde viviam Bei Wong, sua esposa Lisa e a filha, Samanta.

Samanta, oito anos mais nova que Robert, sempre gostou de artes, principalmente pintura. Como nunca precisou trabalhar para ganhar seu próprio dinheiro, acabou se tornando uma estudante de carreira. O curso do momento era em Paris, onde estava passando alguns meses aprendendo sobre as obras de grandes mestres, como Michelangelo, Rembrandt e Leonardo Da Vinci.

Os negócios do Sr. Wong eram muitos, iam de fábricas de bebidas a siderúrgicas, mas Robert nunca quis se envolver nas empresas do pai. Algumas pessoas ligadas à família Wong costumavam comentar, em conversas reservadas, que ele não queria trabalhar com o pai porque uma máfia chinesa tinha algum tipo de participação secreta em seus negócios. Robert nunca falou sobre isso com ninguém, nem mesmo com Michael. Se realmente havia algum tipo de ilegalidade nos negócios do Sr. Wong, este segredo era muito bem guardado.

Ele sabia que a conversa seria rápida. O velho chinês é um homem muito objetivo e até mesmo diante da perda de um filho, se mostrava forte e determinado.

– Michael, creio que você já saiba o que aconteceu? – disse Wong, fazendo um gesto para que Michael o acompanhasse até a biblioteca.

– Sim, Sr. Wong, eu estava assistindo ao noticiário.

Todas as vezes em que ele entrava naquela casa, não deixava de admirar a grandiosidade do lugar. O imenso lustre de cristal, pendurado no centro do hall de entrada, dava um ar aristocrático ao lar dos Wong. Alguns vasos orientais e pequenos enfeites não escondiam as raízes da família. O aroma de canela, proveniente do discreto altar em um dos cantos da sala, completava a atmosfera de paz e serenidade.

A ausência de Lisa não era surpresa, ela certamente estava trancada em seu quarto, chorando a morte do filho. Ele sabia que Samanta ainda não voltara da Europa e, provavelmente, já devia estar a bordo de um avião a caminho de casa. Assim, estavam somente ele e Wong, que por trás de toda aquela armadura, construída ao longo dos seus quase oitenta anos, parecia bastante abalado. Seus olhos denunciavam a dor que sentia.

– Muito bem – disse Wong, em seu tom de voz suave e baixo. – Robert conversou comigo por telefone na semana passada e disse que estava prestes a fechar um excelente negócio para a Greenwood no Brasil. Embora tenha dito que não poderia adiantar nada, deixou escapar que a Greenwood passaria a ter um poder muito grande em toda a América Latina.

– Ele comentou alguma coisa sobre estar correndo perigo? – perguntou Michael, levantando levemente a sobrancelha.

– Não. – Wong olhou para cima e engoliu em seco antes de continuar. – Eu quero descobrir quem tirou a vida de meu filho e mandar este assassino para o inferno.

Michael sentiu que seus olhos começavam a lacrimejar. Até então ele tentara manter-se frio, mas a imagem daquele pai clamando por justiça e a sensação de perder um grande amigo não ajudavam muito. – Eu parto o mais rápido possível para o Brasil.

– Colocarei à sua disposição todos os recursos necessários. Sou acionista de uma empresa de consultoria empresarial que tem escritórios no Brasil. Pedirei à eles que um dos consultores aguarde você no aeroporto e o ajude nas investigações.

– E que tipo de consultor é esse Sr. Wong?

– Digamos que poderá ajudá-lo bastante. É do seu ramo – disse Wong, colocando as mãos para trás e empinando o queixo, como se fosse um general pronto para a batalha.

Michael passou a mão sobre o ombro com a cicatriz e sentiu a lâmina da justiça. Ele sempre fazia isso quando precisava de forças para ir adiante.

– Será olho por olho, dente por dente.

Enquanto descia as escadas da entrada da casa em direção à seu carro, ouviu Wong sussurrar: “boa sorte, meu amigo.”

O comandante disse algumas palavras em português e, logo em seguida, anunciou, em inglês, que o pouso no Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Rio de Janeiro, seria dentro de cinco minutos.

CAPÍTULO 5

A máfia dos combustíveis, como ficou conhecida entre os brasileiros, vendia gasolina adulterada através de distribuidoras clandestinas para postos em todo o país. O processo era bastante simples, bastava adicionar solvente à gasolina e um corante especial para que a cor original fosse mantida. Como o preço do solvente é infinitamente menor, o lucro era imenso. O consumidor é que acabava pagando a conta, já que o carro apresentava mau funcionamento, gastava mais do que o necessário e precisava ir para a oficina com frequência.

O esquema da máfia tinha a participação de centenas de pessoas, incluindo alguns políticos e diretores de empresas petrolíferas. A Polícia Federal fez uma grande investigação e acabou prendendo muita gente.

Em dezembro de 2001, George Kremer foi chamado para se juntar à equipe que tentaria capturar o chefe da máfia, um milionário que vivia em uma verdadeira fortaleza em um bairro sofisticado de São Paulo.

Ao chegar na sala do delegado Camargo, Kremer encontrou Guilherme, um grande amigo, com quem já trabalhara outras vezes. O delegado explicou para eles que, para manter o sigilo da operação, convocou apenas os dois agentes. Os únicos em quem ele realmente confiava dentro da Polícia Federal. Muitas prisões já tinham sido frustradas devido ao vazamento de informações sobre as atividades das equipes de captura, o que levava ao completo desaparecimento dos procurados.

Os três saíram do Rio de Janeiro em um voo comercial comum e chegaram à São Paulo quando já anoitecia. No estacionamento do aeroporto, eles entraram em um carro sedan preto com os vidros escuros. Era uma quarta-feira e o trânsito na cidade no final do dia estava simplesmente insuportável, com muitos quilômetros de engarrafamento. Mas eles não estavam com pressa e aproveitaram o tempo para acertar os detalhes da missão.

Camargo disse que o milionário, Vicente dos Santos, voltaria de uma viagem à Brasília naquela noite e deveria ser abordado quando chegasse na porta de casa. Esta seria a única chance deles, pois uma vez lá dentro, estaria protegido por um rígido esquema de segurança.

Estacionaram o carro a cinquenta metros da casa e Camargo ficou no volante. Kremer e Guilherme passaram pela casa andando do lado oposto da rua, sem chamar atenção. Estavam abaixados atrás de uma picape quando o Mercedes prata apareceu na curva, a menos de vinte metros de onde estavam. Guilherme fez o sinal combinado para Camargo, que ligou a sirene azul e subiu a rua em disparada, atravessando o carro na frente do Mercedes, que freou bruscamente, deixando um forte cheiro de borracha queimada. Ao mesmo tempo, ele e Guilherme colocavam uma tábua, com grandes pregos, por trás dos pneus traseiros do carro e apontavam suas armas para as portas. O motorista e o segurança desceram com as mãos para cima, pareciam não estar dispostos a reagir. Logo em seguida, Vicente abriu a porta traseira e saiu, segurando uma maleta na mão direita.

– Podemos resolver isso de forma amigável – disse Vicente, apoiando a pasta sobre o carro e mostrando seu conteúdo.

Eram muitos maços de notas de cem dólares, certamente uma pequena fortuna.

– Está tentando nos subornar seu canalha? – gritou Camargo, enquanto algemava o motorista e o segurança.

– Sim, estou. Aqui tem dinheiro suficiente para que vocês três não precisem mais trabalhar pelo resto da vida.

Kremer aproximou-se de Vicente e bateu com a pistola em sua cabeça, fazendo com que caísse desacordado. – Filho da puta – resmungou.

De volta ao Rio de Janeiro, depois de deixarem o mafioso sob os cuidados de agentes federais em São Paulo, os três foram tomar cerveja e comemorar.

– Porra, Camargo, esse negócio da maleta vai dar merda – disse Guilherme, tomando um copo cheio de uma tacada só.

– Só se um de nós três fizer besteira – disse Camargo, olhando sério para Guilherme.

Kremer sempre procurou andar na linha. Era um excelente policial. Sua carreira exemplar estava repleta de missões arriscadas e prisões espetaculares, porém a compensação financeira nunca esteve à altura de seus feitos. Além disso, o fato de estar casado com uma mulher vinda de família rica, fazia com que se sentisse frustrado por nunca conseguir ganhar o

suficiente para manter o estilo de vida com que a esposa estava acostumada. Estava cansado de depender das generosas doações do sogro. Então, naquela noite, ele não resistiu aos apelos de uma mala recheada de dólares.

– Da minha parte, vocês podem ficar tranquilos. Esta maleta jamais existiu. Não vou gastar um tostão sequer. Ficaré tudo guardado pelos próximos vinte anos, conforme combinamos. Será para a aposentadoria – disse Kremer, acendendo um cigarro.

A tentação dos subornos e recebimento de dinheiro ilegal sempre foi grande. A todo momento, apareciam políticos corruptos e os chamados bandidos de colarinho-branco oferecendo uma recompensa para facilitar as coisas na hora do aperto. Desta vez, eles cumpriram com seu dever prendendo o sujeito e confiscando os dólares. Estavam certos de que o dinheiro acabaria nas mãos de algum corrupto da própria Polícia Federal, portanto nada mais justo que ficasse com eles. Kremer não estava confortável com a idéia, mas acabou concordando, afinal tinha poucas opções para ganhar alguma grana extra.

Com o passar do tempo, após ter cometido aquele ato ilegal, ele começou a questionar seu trabalho como policial e decidiu sair. Vinha sendo assediado por uma grande empresa de consultoria que contrata ex-agentes federais, desde que fossem experientes e tivessem grande influência em diversos setores do governo e nas polícias federais e estaduais.

Estava com quarenta e cinco anos e como não conseguia mais se concentrar no trabalho policial, optou pelo convite da Cartman & Bergher, uma empresa de consultoria americana especializada em monitoração do ambiente de negócios, o que mais tarde ficou claro para Kremer que seria um nome pomposo e disfarçado para espionagem.

Os agentes contratados são usados como espiões, principalmente para as multinacionais que operam no Brasil ou aquelas que pretendem ter algum tipo de negócio, mas querem estudar o mercado em todos os seus ângulos. Na maioria das vezes, no que diz respeito aos seus concorrentes diretos.

Sua experiência na área de petróleo ajudou muito, afinal o mercado estava em ebulição com a nova regulamentação do setor. Diversas empresas queriam uma parte do bolo. Agora, ele estava entusiasmado novamente, um novo leque de desafios estava aberto.

Naquela tarde de janeiro de 2005, Kremer atendeu a ligação proveniente dos Estados Unidos com certa apreensão, afinal suas ordens vinham sempre dos escritórios da Cartman & Bergher no Brasil. Desta vez, um dos sócios americanos da empresa estava na linha, falando diretamente com ele. Após dez minutos de conversa, Kremer entendeu o que se passava.

Um executivo americano havia sido assassinado no Rio de Janeiro e seu pai, um dos principais acionistas da Cartman & Bergher, solicitara uma investigação paralela para o caso. Como a vítima era presidente de uma petrolífera, Kremer havia sido indicado para cuidar do assunto. Outro ponto importante seria o fato dele falar inglês fluentemente, o que ajudaria na comunicação com o enviado americano, seu companheiro nas investigações.

O fato de ter um parceiro desconhecido incomodava Kremer, mas seria obrigado a aceitar, afinal o cara estava sendo recomendado pelo próprio dono da empresa em que trabalhava. Fazer o quê? Ossos do ofício.

Ele morava em Brasília com a esposa, Sílvia, em uma linda casa no Lago Norte, presente de casamento do sogro. O problema era que a casa estava muito além do padrão de vida que ele poderia ter com o salário que ganhava trabalhando na Polícia Federal. Como consequência desta defasagem entre suas receitas e suas enormes despesas, os presentes financeiros do Coronel Ferreira, como era conhecido o pai de Sílvia, eram constantes. Isso o incomodava tanto que ele detestava aquele lugar, apesar do luxo e do conforto. Esta situação certamente pesou em sua decisão de ficar com o dinheiro da maldita maleta, coisa que, em condições normais, ele não teria feito.

Por um instante, passou pela sua cabeça que tinha sido muita sorte o gringo ser assassinado no Rio de Janeiro e não em Brasília. Assim, ele poderia ir para o lugar que mais gostava e ficar um pouco longe daquela casa. Ele conhecia muito bem o Rio, pois nasceu e passou boa parte de sua vida lá.

Quando estava de saída para o aeroporto, encontrou Sílvia na sala, lendo um livro sobre política internacional, assunto que ela adorava, embora ele nunca tenha entendido o motivo que a levasse a gostar deste tipo de coisa.

A sala era bastante espaçosa, dividida em dois ambientes por uma elevação no piso e com uma imensa porta de vidro que dava acesso ao jardim. Os móveis eram rústicos, daqueles que costumam ser encontrados em fazendas.

Tudo naquela casa, exceto alguns quadros e pequenos objetos, foi comprado pelo pai dela e, é claro, com o gosto duvidoso do Coronel Ferreira.

– Bom, já estou de saída – disse ele, pegando sua mala que estava próxima à porta.

– Você sabe quando volta? – perguntou ela, sem tirar os olhos do livro.

– Não estou certo, mas pelo que me passaram creio que dentro de uma semana, no máximo.

– E o americano que você vai encontrar, você o conhece?

– Não, mas tive boas referências.

– Boa viagem – disse ela, sem olhar para ele em momento algum.

Kremer a beijou na testa. Já havia algum tempo que o casamento não ia muito bem. Por um lado isso ajudava, já que a esposa parecia não se incomodar muito com suas viagens de trabalho, mas no fundo ele gostaria que as coisas voltassem a ser como antes.

Ele a conheceu na universidade quando ainda eram muito jovens. O namoro durou dois anos e, assim que se formaram, marcaram a data do casamento. Logo depois, ele entrou para a Polícia Federal e começou a viajar muito. No início, a paixão era intensa. Sílvia, por dispor de livre acesso ao dinheiro do pai, ia encontrá-lo em todos os cantos do Brasil. Se uma missão ou um curso fosse durar mais de dois ou três dias, lá estava ela.

Porém, o tempo foi passando e Kremer percebeu que ela começou a ficar cansada de estar sempre correndo atrás dele. Ele, por sua vez, também não fez muito esforço para tentar entender o que estava atrapalhando o relacionamento dos dois. Eles acabaram se acomodando com a situação e não demorou muito para que estivessem apenas dividindo a mesma casa.

Outro ponto que os afastava ainda mais era a falta de um filho. Sílvia queria um, mas ele a convenceu que teriam que esperar, pois seria complicado criar uma criança no meio de tantas viagens. Como as viagens nunca terminaram, o filho não veio.

Ele partia para o Rio de Janeiro com o sentimento de que precisava fazer alguma coisa para salvar seu casamento. Não sabia exatamente o quê, mas iria aproveitar sua estada na cidade maravilhosa para pensar no assunto e tentar encontrar uma saída.